literatura de testemunho

leituras comparadas
de primo levi,
anne frank,
immaculée ilibagiza
e michel laub

Carolina Pina Rodrigues Maciel ¹

Resumo:

Na narrativa contemporânea, diversos temas e saberes constituem campos de reflexão essenciais à teoria literária. Este trabalho visa refletir sobre a questão da literatura de testemunho, relacionando esta temática às obras *É isto um homem?* (1988), de Primo Levi e *O diário de Anne Frank* (2015), a fim de traçar paralelos com os relatos testemunhais de Immaculée Ilibagiza (2008), sobrevivente do holocausto ruandês e personagem de *A maçã envenenada*, de Michel Laub, de que também trataremos. Em nossa proposta, é essencial discutir o problema do testemunho na ficção do pós-guerra e sua relação com a literatura contemporânea, analisando também seu caráter memorialístico e alguns aspectos do que Márcio Seligmann-Silva chama de “escrita traumática”. Com o auxílio de um aparato teórico composto por críticos contemporâneos que abordam a noção de testemunho, estabeleceremos um breve estudo para essas questões urgentes e atuais da ficção contemporânea, especialmente, no caso dos quatro autores aqui privilegiados.

Palavras-chaves:

literatura de testemunho; teoria literária; literatura contemporânea.

Abstract:

In contemporary narrative several themes and knowledges constitute essential fields of reflection to Literary Theory. This essay aims to reflect on the issue of “testimonial literature”, relating this theme to the works *If this is a man* by Primo Levi and *The Diary of Anne Frank*, in order to draw parallels with the testimonial narration of Immaculée Ilibagiza (2008), a Rwandan holocaust survivor, and of a character in Michel Laub’s *A maçã envenenada*. In our

proposal, it is essential to discuss the problem of the testimony in postwar fiction and its relation with contemporary literature, also analyzing its memorial feature, and aspects of the traumatic writing according to Márcio Seligmann-Silva. With the aid of a theoretical apparatus composed by contemporary critics who investigate the notion of testimony, we establish a brief study on the abovementioned issues that are urgent and current in contemporary narrative, especially in the case of the four writers that we highlight.

Keywords:

testimonial literature; literary theory; contemporary literature.

Introdução

No campo dos estudos literários, a expressão “literatura de testemunho” tem rodeado os debates a respeito de narrativas que tratam de episódios vinculados a eventos traumáticos. Dessa forma, é importante levantar a questão do testemunho na literatura, compreendendo sua relevância ao debate crítico contemporâneo. Para tanto, elegemos para nossas pesquisas a obra *A maçã envenenada*, publicada em 2013 e escrita pelo brasileiro Michel Laub. Nesse romance, privilegiamos a questão do testemunho representado na figura da personagem Immaculée Ilibagiza. Ademais, acrescentamos, em nossos estudos, duas obras de importância para esse gênero: *É isto um homem?*, de Primo Levi, e *O diário de Anne Frank*. Além dessas importantes obras, dialogaremos com o relato testemunhal de Immaculée Ilibagiza (2008).

Partindo desse viés, revisamos as considerações teóricas de críticos que tratam desse tema, como os estudos de Márcio Seligmann-Silva (1998), buscando entender o diálogo entre história e ficção e o conceito de testemunho como temas essenciais aos estudos contemporâneos. Zygmunt Bauman (1998) também se mostra aqui um escritor de relevo para a compreensão do Holocausto e seus efeitos no pensamento crítico contemporâneo. Ponderaremos ainda sobre a relação entre discurso histórico e discurso ficcional na literatura contemporânea.

Esses apontamentos e análises guiarão este trabalho para uma discussão relevante que tem o objetivo de compreender o problema das narrativas de testemunho em obras ficcionais, que nos permite abrir diálogos produtivos com os conhecimentos dos campos histórico e cultural.

1. O testemunho na literatura

O século XX foi marcado por grandes avanços tecnológicos e grande desenvolvimento econômico; porém, foi também um período caracterizado por grandes eventos traumáticos na história da humanidade. Ao longo do tempo, na literatura, narrativas foram produzidas, oriundas de relatos de vítimas desses grandes acontecimentos. Dessa forma, o termo “literatura de testemunho” ganhou ênfase nos estudos literários, gerando discussões e reflexões acerca do tema.

O filósofo italiano Giorgio Agamben assegura em suas considerações que o ato de “testemunhar” apresenta a impossibilidade da testemunha de relatar o indizível. O testemunho possui um relato ausente, distante do seu campo de fala. Sendo assim, a testemunha ocupa a função de resto, em que dará voz àquele que está incapacitado de falar: “As ‘verdadeiras testemunhas’, as ‘testemunhas integrais’ são as que não testemunharam, nem teriam podido fazê-lo” (AGAMBEN, 2008, p. 43).

A literatura de testemunho pode ser entendida como uma forma de recriação de mundos baseados em experiências memorialísticas de sujeitos que testemunharam, de alguma forma, um evento histórico. Narrativas testemunhais são reconstruções de mundos implantados pelo autor. O testemunho é uma possibilidade de apresentar relatos com um peso traumático e inarrável, levantando questões e dando voz às narrativas de minorias, de sobreviventes de holocaustos e de outras formas de genocídio, repressão e violação dos direitos humanos. Percebemos, também, que o testemunho salienta a relação entre discurso histórico e discurso ficcional. Márcio Seligmann-Silva (1998, p. 10) destaca em seu trabalho que o testemunho não deve ser entendido como a realidade pura e simples:

Não podemos pensar em literatura de testemunho sem ter em mente essa concepção anti-essencialista do texto. Nesse gênero, a obra é vista tradicionalmente como a representação de uma “cena”. Mas qual é a modalidade dessa representação? Certamente não podemos mais aceitar o seu modelo positivista. O testemunho escrito ou falado, sobretudo quando se trata do testemunho de uma cena violenta, de um acidente ou de uma guerra, nunca deve ser compreendido como uma descrição “realista” do ocorrido.

É importante ressaltar que o testemunho não é uma representação, pois toda catástrofe é carregada de traumas,

dificultando qualquer tipo de “reprodução” propriamente dita do fato. Por isso, Seligmann-Silva enfatiza que o real presenciado não pode ser confundido com a nossa realidade. As considerações do filósofo Paul Ricoeur (2003) também deixam clara essa questão quando diz que “o testemunho é, num sentido, uma extensão da memória, tomada na sua fase narrativa”. Sendo assim, o relato testemunhal também faz parte do campo da memória, em que as narrativas são fragmentos de experiências do trauma e do traumatizado.

Primeiramente, propomos discutir algumas características que compõem as narrativas de teor testemunhal. Wilberth Salgueiro (2012, p. 292-293), em seus trabalhos sobre o testemunho na literatura, enumera algumas marcas comuns a serem encontradas nas obras desse gênero:

(1) o registro em primeira pessoa (2) um compromisso com a sinceridade do relato (3) desejo de justiça (4) a vontade de resistência (5) abalo da hegemonia do valor estético sobre o valor ético (6) a apresentação de um evento coletivo (7) presença do trauma (8) rancor e ressentimento (9) vínculo estreito com a história (10) sentimento de vergonha pelas humilhações e pela animalização sofridas (11) sentimento de culpa por ter sobrevivido; (12) impossibilidade radical de re-apresentação do vivido/sofrido.

Destacaremos, de forma breve, algumas dessas características, que podem ser encontradas nas obras a serem analisadas adiante neste trabalho. Em *O diário de Anne Frank*, o relato é escrito em primeira pessoa, dando-nos acesso aos pensamentos de Anne. Como a obra também pertence ao gênero diário, quase sempre encontraremos, nessa temática, o registro de ideias e opiniões que, no caso do romance, mescla relatos pessoais a acontecimentos históricos. Quanto ao testemunho de Primo Levi, em *É isto um homem?*, percebemos sua necessidade de narrar um evento coletivo baseado no relato de suas experiências. Já em *A maçã envenenada*, temos o testemunho representado em Immaculé Ilibagiza, que claramente tem uma enorme vontade de resistência a tudo que passou. Não se conformando com a perseguição ao seu povo – abordaremos mais à frente um pouco de seu passado –, assim como Levi, Ilibagiza traçou para si um objetivo, que a manteve viva: sobreviver para contar, dar seu depoimento ao mundo.

Notamos que a maioria das narrativas testemunhais possui um caráter biográfico. Como diz Dominique Maingueneau (2001, p. 27): “[...] o escritor só consegue passar para sua obra uma experiência da vida minada pelo trabalho criativo, já observada na obra”. Com isso, o autor liga os acontecimentos vividos com os estágios de criação, não se contentando apenas com a experiência traumática, mas criando novas experiências.

É importante também destacar que os relatos testemunhais abarcam outras mídias e formas de expressão, não sendo encontrados apenas nos textos literários. Dessa forma, deparamo-nos em nossa sociedade com diversas produções fictícias que tratam do tema. O autor Wilberth Salgueiro (2012) entende que:

Há, em suma, inúmeras modalidades de testemunho, seja em relação a situações, eventos, períodos (Shoah, Gulag, genocídios, guerras, ditaduras, tortura, miséria, opressão etc.), seja em relação a formas de expressão do testemunho (memória, romance, filme, depoimento, poema, quadrinhos, canções, etc.). (SALGUEIRO, 2012, p. 286)

Encontramos exemplos desses relatos em outros moldes como nas obras cinematográficas *A lista de Schindler* (1993) e *Hotel Ruanda* (2004). Ambos os filmes tratam de eventos históricos no século XX. *A lista de Schindler* mostra a vida de um empresário que ajuda a salvar vários judeus do Holocausto nazista, enquanto *Hotel Ruanda* possui uma premissa parecida, mas apresentando o genocídio naquele país africano, em 1994. É notável que a literatura de testemunho contribui para assuntos que dialogam, dentre outros aspectos, tanto com a questão histórica quanto com as reflexões existenciais do ser humano. Então, percebemos que o testemunho é um tema presente em diversos campos de saber e nos propicia compreender um pouco melhor sobre questões pendentes de nosso tempo.

2. Narrativas testemunhais e o Holocausto

Para falar de literatura de testemunho, não podemos deixar de ressaltar que esse termo se originou do conceito de “literatura de Holocausto”, noção que é oriunda dos relatos testemunhais de vítimas dos horrores nazistas na Segunda Guerra Mundial. O Holocausto foi identificado com o massacre do povo judeu e essencialmente europeu, em que a Alemanha nazista, sob a chancela de Adolf Hitler, manipulava os sistemas governamentais e pregava o ódio aos judeus e seu extermínio, como solução final para a questão judaica. Zygmunt Bauman fala sobre esse crime bárbaro em seu texto *Modernidade e Holocausto*:

[...] um crime horrendo perpetrado por gente iníqua contra inocentes. Um mundo dividido entre assassinos loucos e vítimas indefesas, com muitos outros ajudando as vítimas quando podiam, mas a maior parte do tempo incapazes de ajudar. Nesse mundo, os assassinos assassinavam porque eram loucos, cruéis e obcecados por uma ideia louca e depravada. As vítimas iam para o matadouro porque não eram páreo para o inimigo poderoso

armado até os dentes. O resto do mundo só podia assistir, atordoado e agoniado, sabendo que apenas a vitória final dos exércitos aliados contra o nazismo poria fim ao sofrimento humano. (BAUMAN, 1998, p. 9)

Por meio dessa consideração, percebemos que esse genocídio foi um dos piores capítulos da história da humanidade, cujas marcas se sentem até hoje. Na literatura também encontramos diversos exemplos do potencial traumático desses acontecimentos, especialmente quando se vale de relatos com caráter testemunhal, os quais iremos abordar a seguir.

Ao longo dos anos, obras perpetuaram-se como literatura através de seu cunho biográfico, histórico e testemunhal, como no caso dos romances *É isto um homem?* e *O diário de Anne Frank*. As obras mencionadas são de grande relevância para compreendermos um pouco a dimensão dos fatos ocorridos na era das catástrofes e barbáries.

Em *É isto um homem?*, do italiano Primo Levi, temos uma narrativa em que é apresentada a história do próprio autor dentro de um campo de concentração nazista, em Auschwitz. Homens, mulheres e crianças foram obrigados, sem qualquer interferência, a viverem reclusos em campos de concentração com condições de vida precária. O nível de desumanização era tão grande, devido ao tratamento violento dos alemães e ao estado precário dos judeus, que Levi indaga se tanto os alemães quanto os prisioneiros realmente ainda poderiam ser considerados homens ou se restaria alguma partícula de humanidade intrínseca àqueles sujeitos. É possível recordar que, em alguns momentos da narrativa, os próprios prisioneiros, conforme a maneira que eram tratados, foram se tornando menos civilizados, não tendo mais vontade de banhar-se ou deixar as roupas limpas, pois já estavam conformados com a morte que os aguardava:

Steinlauf me vê, me saúda, e, sem rodeios, me pergunta, severamente, por que não me lavo. E por que deveria me lavar? Me sentiria melhor do que estou me sentindo? Alguém gostaria mais de mim? Viveria um dia, uma hora a mais? Pelo contrário, viveria menos, porque lavar-se dá trabalho, é um desperdício de energia e de calor. [...] Quanto mais penso nisso, mais acho que lavar a cara em nossa situação é tolice, futilidade até; hábito automático ou, pior, lúgubre repetição de um ritual já extinto. Vamos morrer, todos [...] Steinlauf, porém, [...] me dá uma preleção em regra. [...] [Steinlauf diz:] justamente porque o Campo é uma grande engrenagem para nos transformar em animais, não devemos nos transformar em animais; até num lugar como este, pode-se sobreviver, para relatar a verdade, para dar nosso depoimento; e, para viver, é essencial esforçar-nos por salvar ao menos a estrutura, a forma da civilização. Sim, somos escravos, despojados de qualquer direito, expostos a qualquer injúria, destinados a uma morte quase certa, mas ainda nos resta uma opção. Devemos nos esforçar por defendê-la a todo custo, justamente porque é a última: a opção de recusar nosso consentimento. Portanto, devemos nos lavar, sim; ainda que sem sabão, com essa água suja e usando o casaco como toalha? Devemos engraxar os sapatos, não porque assim reza o regulamento, e sim por dignidade e alinhamento. Devemos marchar eretos, sem arrastar os pés, não em homenagem à disciplina prussiana, e sim para continuarmos vivos, para não começarmos a morrer. (LEVI, 1988, p. 38-39)

Na passagem, notamos o discurso de um amigo de Levi enfatizando que, por mais trágica que seja a situação por que eles estavam passando, precisavam prosseguir resistindo. Podemos perceber que a obra levanta questões sobre a humanidade do homem e a crueldade em relação ao próximo, assim como os relatos testemunhados por Primo Levi mostram a diminuição do caráter humano dos indivíduos em uma sociedade dominada por um poder coercivo e autoritário. A obra serve essencialmente para nos apresentar a um momento cruel da história da humanidade, valendo-se de um evento coletivo, em que há uma reflexão da tragédia e a qual ponto o homem pode chegar em um momento desesperador. Assim, notamos que o relato do autor, sendo uma possível ficcionalização de um fato, apresenta ao leitor um sujeito traumatizado que descreve, de maneira fragmentada, suas experiências.

Segundo Agamben (2008), Primo Levi é bom exemplo de autor-testemunha que em momento algum intenciona o julgamento. Levi tornou-se escritor pelo simples fato de precisar testemunhar sua experiência no campo de concentração e veio futuramente a publicar vários romances com o tema no decorrer de sua carreira. As considerações de Agamben seguem dizendo que Levi é um exemplo para o termo *supertestes*, no qual o indivíduo participa do evento relatado, ao contrário do conceito de *testis*, em que o sujeito ouve o relato de uma testemunha “que se põe como terceiro em um processo ou em litígio entre dois contendores” (AGAMBEN, 2008, p. 27). Desse modo, entendemos que há uma necessidade por parte de Levi de ficcionalizar criticamente aqueles acontecimentos trágicos e *É isto um homem?* relata-nos de uma forma crua essas memórias do Holocausto.

Falemos agora sobre *O diário de Anne Frank*, obra que também evoca e testemunha o Holocausto, do ponto de vista de uma jovem judia que detalha sua vida e de sua família em um esconderijo na Holanda. Anne Frank tinha apenas 13 anos quando começou a escrever em seu diário e 15 quando foi obrigada a parar. A jovem teve a ideia de relatar os eventos em seu esconderijo – chamado por ela de “Anexo Secreto” – quando ouviu na rádio holandesa que após o fim da guerra seriam recolhidos testemunhos de vítimas que sofreram com a perseguição nazista. Depois de mais de dois anos escondida, Anne, com sua família, foi capturada e deportada para Auschwitz, vindo a falecer dentro do campo de concentração. Seu diário foi encontrado pelo único sobrevivente do esconderijo, Otto Frank, pai de Anne, que decidiu levar a público o testemunho da filha.

Registrado em primeira pessoa, o diário servia para Anne Frank como uma espécie de confidente, em que ela contava fatos do seu cotidiano, como brigas em família, presentes de aniversário, descobertas amorosas, além de confidenciar suas angústias, medos e sofrimento que passava devido à guerra, como podemos ver no primeiro registro do diário: “Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda” (FRANK, 2015, p. 13). Observamos, pelo testemunho da jovem, as mudanças de sua vida, seu amadurecimento, transitando da infância para a adolescência, e também os terrores enfrentados pelo povo judeu, espoliado na guerra bárbara. Esse caderno simples de Anne Frank tornou-se um registro histórico importante, sendo publicado em diversos países, e é lembrado desde então.

Vale ressaltar que o gênero diário enfatiza o testemunho na narrativa ao apresentar marcas de convencimento em sua escrita. Seligmann-Silva afirma que “os traços materiais inscritos no diário — que muitas vezes se desdobram em características bem sensíveis, materiais, como o estado do papel, a caligrafia, os borrões de tinta, as rasuras, etc. — reforçam o teor testemunhal do diário” (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 7). Assim, entendemos que o testemunho neste gênero atua de uma forma mais ativa no texto, porém não pode ser confundido com o presente, mas um “simbolismo” de um real irrepresentável pela dificuldade de pensar o trauma.

Com base na análise das obras destacadas, observamos a importância da retomada do passado a fim de gerar reflexões sociais e políticas introduzidas no discurso literário. É essencial destacar que esses relatos testemunhais retomam eventos históricos, ressaltando elementos do real, não sendo a própria experiência, mas a ficcionalização desta.

3. Breve reflexão do testemunho em *A maçã envenenada*, de Michel Laub

A maçã envenenada (2013), objeto central de nossa pesquisa, é uma obra brasileira do escritor contemporâneo Michel Laub. Em sua narrativa, encontramos várias discussões críticas acerca de nosso tempo, como as questões do trauma e da sobrevivência, construindo um diálogo entre história e ficção. Michel Laub destaca-se no cenário atual pela identidade temática de suas obras, marcada pelo trágico e pela memória. Laub nos apresenta indivíduos comuns que precisam lidar com suas tragédias pessoais.

No romance *A maçã envenenada* (2013), obra de uma trilogia posterior a *Diário da queda* (2012), observamos fatos fundamentais que interferem nas ações futuras das personagens, criando certa identificação com o leitor. A obra narra a história de um protagonista não nomeado, que sempre revisita seu passado. O narrador volta 20 anos no tempo percorrendo suas lembranças da juventude em 1993, quando seu maior desejo era ir ao show do Nirvana em São Paulo, mas, por servir ao Exército brasileiro, via-se impedido de ir ao evento. Já em sua fase adulta, ele está prestes a entrevistar Immaculée Ilibagiza, sobrevivente do massacre de Ruanda. Essa alternância temporal faz com que notemos um raciocínio fragmentando que ao longo da obra vai se completando e formando a história em si.

Desses eventos históricos apresentados por Laub em seu romance, focalizaremos o genocídio ruandês, representado na obra pela personagem Immaculée Ilibagiza, por meio de seu discurso testemunhal ficcionalizado. A personagem alude à figura histórica homônima, que sobreviveu ao massacre de 1994, em Ruanda. Ilibagiza pertencia ao grupo étnico africano tútsi, perseguido depois que o presidente hútu (grupo rival) sofreu um acidente aéreo fatal. Com isso, as milícias hútus iniciaram uma chacina sobre os tútsis. Immaculée era universitária e possuía vários sonhos que foram interrompidos devido a esse genocídio.

O massacre de Ruanda resultou em várias mortes: mais de 500 mil pessoas foram assassinadas. A jovem só conseguiu escapar por causa de um pastor local que a escondeu com outras mulheres em um pequeno banheiro. Com uma alimentação escassa e vivendo em condições subumanas, Immaculée Ilibagiza apegou-se a sua fé para não ceder ao desespero, já que tinha perdido sua família, seus amigos e sua identidade. Independentemente de tudo o que vivenciou, Immaculée não conseguia ater-se em nada senão sua própria sobrevivência.

A verdadeira Immaculée escreveu um relato testemunhal intitulado *Sobrevivi para contar: o poder da fé que me salvou*, utilizado por Laub para compor sua personagem. Nesse relato, vemos a recuperação de eventos traumáticos vividos por Ilibagiza durante os três meses que passou escondida em um minúsculo banheiro:

Estávamos tão cansadas, famintas e espremidas, morrendo de calor, que nosso primeiro dia no banheiro se passou numa espécie de inconsciência dolorosa. Impossível de dormir. Assim que eu pegava no sono, era acordada pela câibra nas pernas ou pelo cotovelo de alguém esbarrando contra minha costela. (ILIBAGIZA, 2008, p. 89)

Observamos, na passagem, as condições desumanas em que Ilibagiza se encontrava, provindas de uma realidade cruel marcada pela catástrofe, que nos remete ao Holocausto judeu na Segunda Guerra Mundial. O testemunho de Immaculée é uma rerepresentação de um evento traumático: não é, de fato, a própria experiência vivida, mas uma ficcionalização da história efetivamente experimentada por ela. Seu testemunho não se refere exatamente ao fato

histórico pelo qual tomamos ciência por meios jornalísticos e televisivos, mas a uma verdade “fingida” e possível do relato. Iser corrobora mostrando-nos que

Como o texto ficcional contém elementos do real, sem que se esgote na descrição deste real, então o seu componente fictício não tem caráter de uma finalidade em si mesma, mas é, enquanto fingida, a preparação de um imaginário. (ISER, 2002, p. 385)

Desta forma, temos o elemento do real na ficção totalmente reformulado e pertencente à narrativa. Entendemos, com isso, a necessidade de combinação e desnudamento desses acontecimentos, a fim de constituir esses componentes históricos na ficção.

Na obra de Laub, a história da sobrevivente impacta grandemente o protagonista do romance. Este passa a enxergar sua história de uma maneira diferente, reconhecendo que suas atitudes no passado influenciaram o que ele é hoje, querendo em todo momento redimir suas falhas:

Eu tinha vinte quatro horas para escrever a matéria, ainda havia dados a conferir e a gravação para transcrever, e lembro de ter pensado que o melhor era começar de uma vez e digitar o máximo de blocos de texto para organizar na manhã seguinte e não pensar no que tinha acabado de ver e ouvir, no que aconteceu desde que me despedi de Immaculée, uma sensação que eu não sabia se era por causa dela ou da coincidência de datas ou porque há vinte anos eu quase não pensava a respeito, Ruanda e Londres, 1994 e 1993, Kurt Cobain e o CPOR e Unha e Valéria e como uma conversa tão curta com alguém que eu nunca tinha visto antes era capaz de me afetar daquela maneira. (LAUB, 2013, p. 44-45)

Também podemos perceber a dualidade do narrador, dividido entre o drama de Ilibagiza e o suicídio, em 1994, do cantor norte-americano Kurt Cobain, ídolo midiático de uma geração. Para o protagonista, um tinha tudo e desistiu de viver, enquanto Ilibagiza só contava com um fiapo de esperança, ao qual se agarrou.

Uma forma de explicar o que aconteceu em abril de 1994: Kurt Cobain tinha esposa, uma filha de um ano e sete meses, dinheiro e fama por fazer de modo bem-sucedido aquilo que sempre gostou de fazer [...] e mesmo assim apertou o gatilho. Já Immaculée Ilibagiza entrou num banheiro de um metro e vinte e passou noventa e um dias comendo os restos trazidos pelo pastor, dormindo e usando a privada na frente de outras sete mulheres [...] e durante o período ela sabia ou imaginava que perderia a casa, a cidade, o país, a língua, a família e todas as referências que fazem uma pessoa ser quem é, mas em nenhum momento pensou em outra coisa que não sobreviver. (LAUB, 2013, p. 51-52)

Ao lidar com essas duas personagens, Laub ficcionaliza a questão da experiência da sobrevivência e da morte e suas construções na ficção e nas narrativas de testemunho. No romance, percebemos que a relação entre história e ficção acontece devida à combinação e desnudamento dos fatos, a fim de fazer com que esses espaços históricos tornem-se característica da própria narrativa ficcional.

A confluência de incidentes que marcou a história das personagens na obra nos faz refletir sobre a complexidade do homem contemporâneo, seus dramas individuais e os traumas que perpetuam na memória durante toda a vida. Desse modo, o testemunho introduzido na narrativa aparece como um arquivo da memória provindo de um mundo de experiências ficcionalizadas no relato.

Considerações finais

Mediante as reflexões expostas, finalizaremos enfatizando que o testemunho é demasiado importante para a literatura contemporânea e deve ser estudado continuamente, pois os fragmentos memorialistas introduzidos na ficção funcionam como material restaurado de um passado repleto de atrocidades. Foi necessário também atentar para não confundirmos os relatos das vítimas com a realidade plena, mas como diálogo que permite uma possível reformulação de um acontecimento implantado nos textos ficcionais.

Aliás, é evidente que as obras abordadas neste trabalho apresentam questões que ressoam pelo discurso da história, como a emergência de uma era dos extremos e da barbárie, marcada por experiências traumáticas e pelo genocídio. São relatos que nortearão nossos estudos, por mais difícil que seja compreender a complexidade dos processos de desumanização do homem na história.

Sendo assim, as ponderações levantadas neste trabalho, serviram-nos como discussão inicial dos autores escolhidos e se enquadram no âmbito dos estudos literários contemporâneos, a fim de trazer à luz indagações relevantes para a

compreensão do processo histórico em que a ficcionalização proposta pela literatura se mostra como uma forma de nos remeter à problematização e à complexidade que se refletem no estudo do passado trágico da nossa sociedade.

Agradecimentos

A Deus, por ter me ajudado em todas as etapas da minha vida. A minha família e amigos, por todo amor, força e apoio. Ao meu orientador, Paulo César S. Oliveira, por toda a ajuda e o incentivo ao longo da pesquisa. À Universidade do Estado do Rio de Janeiro, por ter me proporcionado novas descobertas no campo da literatura.

Referências

- A LISTA de Schindler. Direção: Steven Spielberg. EUA: Universal Pictures, Amblin Entertainment, 1993 (195 min).
- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha* (Homo Sacer III). Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2015.
- HOTEL RUANDA. Direção: Terry George. Reino Unido, África do Sul, Itália, EUA: United Artists, Lionsgate, 2004 (121 min).
- ILIBAGIZA, Immaculée. *Sobrevivi para contar: o poder da fé que me salvou de um massacre*. São Paulo: Objetiva, 2008.
- ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *Teoria da literatura em suas fontes*: v. 2. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- LAUB, Michel. *A maçã envenenada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- _____. *Diário da queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- LEVI, Primo. *É isso um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 27-62.
- RICOEUR, Paul. Memória, história, esquecimento. Disponível em: http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia. Acesso em: 01/08/2016.
- SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (E considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap). *Matraga, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*. Rio de Janeiro, UERJ, v. 19, n. 31, jul./dez. 2012, p. 284-303.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. *Letras, Revista do mestrado em Letras da UFSM*. Santa Maria, RS, UFSM; CAL, n. 16, jan./jul. 1998, p. 9-37.
- _____. O local do testemunho. *Revista do programa de pós-graduação em História*. Florianópolis, UDESC, SC, v. 2, n. 1, p. 3-20, jan./jun. 2010.